

AUTOFORMAÇÃO: UMA PRÁTICA DE APERFEIÇOAMENTO DA FORMAÇÃO DOCENTE

João Paulo da Silva Barbosa; Willyan Ramon de Souza Pacheco; Dra. Maria Gerlaine Belchior Amaral

Universidade Federal de Campina Grande - joaopaulo08barbosa@hotmail.com

Universidade Federal de Campina Grande - willyanpacheco@hotmail.com

Universidade Federal de Campina Grande - gerlaine.ufcg@yahoo.com.br

Resumo: O texto que segue traz uma discussão acerca do processo de formação docente a qual permanece como pauta de referência para muitos estudos na contemporaneidade. É decorrente de estudos e reflexões realizadas na disciplina Fundamentos e Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, cursada no semestre letivo 2017.1, ministrada pela professora Dra. Maria Gerlaine Belchior Amaral no curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). O objetivo deste artigo é refletir acerca da autoformação como uma ação relevante, ou talvez, determinante, para a construção do perfil de um profissional competente e qualificado. A autoformação constitui-se numa prática e ação consciente e intencional do sujeito em processo de formação tanto inicial, quanto continuada, buscando o aperfeiçoamento e aprimoramento desta. Quanto a dimensão metodológica trata-se de um estudo bibliográfico com aporte teórico em Freire (1996), Rios (2011), Fontana e Fávero (2013), entre outros autores que discutem o processo de formação docente. As informações aqui registradas vêm ratificar que a prática da autoformação redimensiona a ação educacional oportunizando ao docente agir com propriedade e intencionalidade, possibilitando-lhe desenvolver uma ação significativa no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, é propiciado ao graduando a construção de novos saberes, conhecimentos, teorias e práticas. Na perspectiva da autoformação, o sujeito se configura como um ser ativo, autônomo, crítico, reflexivo e emancipado, resignificando as práticas educacionais que vivenciou e os elementos que a constituem, reconhecendo-se como agente construtor da própria formação e não como um mero receptor ou transmissor de informações e conhecimentos.

Palavras-chave: Autoformação, Formação de Professores, Crítico-Reflexivo.

Introdução

É notório o quanto a sociedade vem se modificando ao longo dos anos. O quanto esta se transforma constantemente. Essas modificações têm impacto preponderante na formação dos sujeitos docentes, exigindo cada vez mais uma formação dinâmica, ou seja, um profissional que possui conhecimentos amplos em diversas áreas do conhecimento. Assim, podemos compreender que é exigido cada vez mais do professor ações competentes e significativas que acompanhem os avanços sociais.

Essa exigência existe de fato porque o trabalho docente está diretamente vinculado ao desenvolvimento humano e profissional das pessoas, levando-o a refletir acerca do processo de formação inicial e continuada a partir das

necessidades sociais. Para que, partindo dessas necessidades, a prática educativa seja intencional e transformadora, e concomitantemente permitirá que os saberes, conhecimentos e práticas transformem de forma positiva os sujeitos que serão alcançados por estas.

A partir dessas preocupações acerca do processo de formação docente, discussões acerca desse referido tema são pautas de muitos estudos na contemporaneidade. Estudiosos dessa área, buscam refletir o processo de formação de professores como uma ação crítico-reflexiva, ou seja, refletir com criticidade acerca do profissional que está se constituindo partindo de interesses subjetivos do docente, considerando, assim, uma prática autoformativa.

Nessa acepção, o presente estudo objetiva refletir acerca do processo de autoformação como uma ação relevante, ou talvez, determinante, para a construção de um profissional competente e qualificado. Partindo do pressuposto que essa prática autoformativa tem como objetivo maior fomentar o processo de formação inicial e continuado dos profissionais, construindo-os como sujeitos consciente, responsáveis, competentes e autônomos.

Assim, é propósito deste trabalho refletir acerca do processo de autoformação como uma prática de autoaprendizagem que se origina a partir de desejos subjetivos, visando a construção de um sujeito capacitado, profissionalmente competente capaz de responder, com seu trabalho, às demandas sociais.

O presente trabalho originou-se de um estudo na disciplina Fundamentos e Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, cursada no semestre letivo 2017.1 ministrada pela professora Dra. Maria Gerlaine Belchior Amaral no curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). A referida disciplina objetivou levar os discentes a refletirem com criticidade acerca do processo de formação inicial e, assim, oportunizando-os a redimensionar com propriedade as práticas desenvolvidas ao longo do curso.

Para o desenvolvimento deste artigo, constituímos uma base metodológica a partir de pesquisas bibliográficas analisando e apropriando-nos das teorias de autores como Freire (1996), Rios (2001) e Fontana e Fávero (2013), entre outros estudiosos que buscam refletir acerca do processo de formação docente oportunizando aos sujeitos que estão inseridos nesse referido processo uma possível compreensão das exigências, desafios e possibilidades da profissão.

Autoformação: uma prática crítico-reflexiva

A *priori*, é relevante iniciarmos essa reflexão com a compreensão do que entendemos por processo de autoformação. Partimos então do entendimento de trata-se de uma prática consciente de aprimoramento da formação profissional, na qual o sujeito torna-se o autor principal e protagonista do seu processo de formação, refletindo acerca de suas práticas numa dimensão crítico-reflexiva, para que a partir dessa reflexão crítica sobre as ações educativas, compreenda e enfrente com mais chances de sucesso os desafios encontrados cotidianamente na realidade da profissão e, ainda, perceba quando há necessidade de redimensionar sua prática educacional. Com isso, será oportunizada a construção de novos saberes, conhecimentos e práticas pedagógicas, também possibilitará a ressignificação da formação, dos saberes, práticas e conhecimentos anteriormente construídos. Assim, a reflexão crítica é um intenso movimento ativo que antecede a ação, ou seja, é preciso que sujeito pense para qualificar ‘o fazer’ e sobre ‘o fazer’.

Nessa perspectiva, Freire (1996, p. 38) nos mostra que:

A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. [...] O que se precisa é possibilitar, que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica.

Nesse sentido, podemos perceber a relevância da dimensão crítico-reflexiva nesse processo, a qual possibilita ao profissional refletir acerca das ações que constrói o ser professor, analisando com criticidade o aperfeiçoamento da própria prática, com vistas a oferecer a sociedade um trabalho mais promissor e significativo, ou seja, com mais qualidade social.

Nessa acepção, para compreendermos como se constitui o processo de autoformação, são bem vindas as contribuições de Teixeira, Silva e Lima (2010, p. 6) que assinalam:

A autoformação constitui-se, portanto, num processo permanente de desenvolvimento docente que se reflete diretamente na maneira de como o professor constrói a sua realidade profissional, transformando a si mesmo, no bojo das atividades concretizadas na cotidianidade da prática pedagógica. Para tanto, se faz necessária uma postura docente reflexiva, com vista ao questionamento dos limites e possibilidades da profissão professor, o que aponta para uma análise mais aprofundada das funções docentes e das situações de aprendizagem profissional.

Ante ao exposto, podemos compreender que a autoformação é um ato consciente e autônomo que possibilita um autodesenvolvimento do profissional, comprometendo-se com responsabilidade com a formação, para que assim, torne-se um sujeito emancipado que constrói práticas educativas emancipadoras, ou seja,

um profissional que possui autonomia para desenvolver o processo de autoformação, abandonando a posição passiva na construção do ser profissional e tornando-se um sujeito ativo, autônomo, ético, reflexivo e, acima de tudo, crítico.

Para Fontana e Favero (2013, p. 2-3) um professor ativo, reflexivo e crítico é o profissional da educação que age consciente do seu papel social e,

Não atua como um mero transmissor de conteúdos, mas, em sua interação com os alunos, professores, e toda a comunidade escolar, é capaz de pensar sobre sua prática, confrontando suas ações e aquilo que julga acreditar como correto para sua atuação profissional com as consequências a que elas conduzem.

Dessa forma, podemos compreender que o professor não deve atuar, em hipótese alguma, como um profissional que tende a repetir em sala de aula as experiências que vivenciou quando era estudante, mas sim um mediador que reflete acerca da dimensão social das suas ações e do processo educacional, não se limitando apenas ao saber fazer, mas também compreendendo o porquê de tal prática/ação, entendendo os limites e possibilidades da profissão. Assim, compreende-se que uma das ações determinantes na formação dos professores é a ação crítico-reflexiva sobre a prática, em que a reflexão se torna o instrumento mediador da relação teoria-prática, levando o sujeito em formação continuada desenvolver práticas educacionais transformadoras (FREIRE, 1996).

Por conseguinte, é relevante destacar que nesse processo de autoformação é determinante que o sujeito tenha uma disciplina pessoal de estudos e para melhor sistematizá-lo elabore um projeto autoformativo, ou seja, definir metas a serem alcançadas. Tais metas devem objetivar a melhoria da qualidade da formação, em outras palavras, seria a organização cronológica do tempo para desenvolver práticas que não fazem parte do seu cotidiano, oportunizando o desenvolvimento de um profissional mais competente. Muitas são as ações que poderão ser definidas neste projeto formativo, por exemplo, dedicar um tempo determinando à leitura, escrita, atualização de conteúdos, pesquisas, etc., desenvolvendo, assim, a dimensão técnica da formação docente. É importante também reconhecer e dedicar-se à qualificação das demais competências que constituem o profissional docente.

Assim, um professor qualificado pensa e desenvolve práticas educativas conscientes e intencionais, articulando diversos elementos capazes de transformar os sujeitos, e conseqüentemente, estes serão capazes de modificar a sociedade na qual estão inseridos. Mas para que isso ocorra de forma significativa é necessário que o docente reconheça a relevância

das dimensões da competência docente como elemento para a melhoria da sua prática educacional.

É interessante explorarmos o conceito de competência e refletirmos acerca das dimensões da competência docente, pois o processo de autoformação se tornará mais significativo se for construindo a partir das propostas que essas dimensões oportunizam para a melhoria da formação.

Definindo de forma objetiva e clara, competência é a capacidade que qualquer sujeito possui para desenvolver algo, ou seja, são as atribuições que possuímos para realizar determinada atividade, mas não apenas realizar de qualquer forma, o diferencial da competência ou do sujeito competente é a qualidade. Dessa forma, podemos compreender tal conceito como a capacidade para desenvolver com qualidade determinada atividade ou ofício.

Para entendermos melhor o vocábulo competência, Rios (2001, p.93) nos leva a refletir que esse termo se remete a *“uma totalidade que abriga em seu interior uma pluralidade e propriedades, um conjunto de qualidades de caráter positivo, fundadas no bem comum, na realização dos direitos coletivo de uma sociedade.”*

Portanto, a ação docente é caracterizada por quatro esferas da competência, são as dimensões: técnica, estética, política e ética, todas elas estão estreitamente ligadas, mantendo uma relação de movimento e interação, tornando a ação docente consciente e significativa. É a partir delas que deve ser construído o projeto autoformativo. A seguir iremos refletir um pouco sobre cada uma dessas dimensões.

A dimensão técnica se reporta a habilidade e capacidade de executar uma ação, seria então a arte da docência, mostrando como desenvolver determinada atividade, quais os percursos metodológicos os quais se deve percorrer, ou seja, essa é a dimensão no qual seu ápice é o saber fazer e é por meio desta que se revela o saber fazer docente.

Nesse sentido, a referida dimensão se materializa por meio das ações e práticas do professor, do desenvolvimento de sua práxis por meio da sabedoria em como lidar com os conteúdos, comportamentos, construindo e reconstruindo conceitos e o uso de metodologias diversificadas que objetivem atender as necessidades dos alunos.

Muitas vezes a dimensão técnica acaba sendo vista isoladamente das demais dimensões e isso faz com que sua importância seja menosprezada, dessa forma, esta passa a ser compreendida como uma ação tecnicista, ou seja, algo que necessariamente não precisa de uma fundamentação alicerçada, seria uma ação automática e/ou mecânica. Porém essa dimensão está intrinsecamente ligada a práxis, em um

movimento harmonioso entre teoria e prática, na qual ambas passam por um processo de ressignificação e aprimoramento.

Para compreendermos melhor a relevância da dimensão técnica e fomentar nossa aceção acerca do que foi explicitado anteriormente, Rios (2001, p. 96) aponta que:

Há um caráter poético na técnica, na prática profissional. Ao mencionarmos uma “arte” do docente, revelada em sua competência, apontamos aí a presença de uma dimensão poética, que requer a imaginação criadora cuja marca fundamental é a sensibilidade (*aisthesis*) associada à razão.

A dimensão estética seria a beleza, a sensibilidade e a criatividade do saber fazer docente, indo além das emoções sensoriais, seria uma sensibilidade intelectual e crítica que permite ao professor compreender as singularidades e particularidades dos alunos, entendendo suas necessidades e capacidades, para que assim o processo de ensino-aprendizagem se torne significativo. Essa esfera da competência permite que o professor se construa como sujeito reflexivo.

Dessa forma, essa dimensão se revela na prática docente trazendo luz para a subjetividade do professor. Subjetividade essa que não é construída a partir do individualismo profissional, mas sim por meio de prática sociais coletivas. Assim, podemos refletir que “Não há como pensar a subjetividade sem pensar na ordem coletiva, na presença e convivência com os outros sujeitos encarnados que me afetam e são afetados por mim. A ordem da subjetividade é a ordem do coletivo” (PEREIRA apud RIOS, 1997, p. 142). Essa esfera da competência busca necessariamente o bem-estar social coletivo e a percepção sensível da realidade, criando, recriando e transformando a sociedade em um caráter positivo.

A partir do exposto, percebe-se que a ação docente está ligada intimamente a dimensão técnica e estética, e que estas estão fundidas, sendo norteadas por valores éticos e políticos, e assim, possibilitando o aprimoramento da práxis docente (RIOS, 2001).

Nesse sentido, entende-se a dimensão ética como a formação moral do sujeito, o reconhecimento dos valores morais e sociais presentes na sociedade, permitindo a compreensão do que seria bom e mau. Dessa forma, essa esfera da competência permite que o docente pense criticamente sobre a moral em conjunto com os valores, orientando assim seus alunos para a ação do bem comum.

A última dimensão a ser refletida é a política, no qual remota ao reconhecer-se como um ser político, um sujeito histórico de direitos e deveres. O homem está em constantes relações em todas as instituições sociais, seja ela, família, escola, igreja, etc., isso mostra que todo sujeito é um ser político por natureza, pois essas

relações constituem o real significado do que seria ser político.

Na docência, a dimensão política se manifesta a partir da construção coletiva da sociedade ao exercício de direitos e deveres, no qual o professor tanto se constrói em quanto ser político, como permite que seus alunos se reconheçam como tais, assumindo um papel de protagonista na construção de uma história para a apropriação de um caráter positivo social.

É notória a compreensão de como as dimensões da competência necessitam ser observadas em conjunto, caso contrário, acarretará no empobrecimento de seu significado, importância e contribuições na prática docente. Além do mais, é perceptível a ligação existente entre todas as esferas e o movimento harmonioso que possuem no processo de construção de uma ação educativa consciente e de qualidade, aprimorando o saber fazer docente, afetando assim, de forma direta o processo de ensino-aprendizagem.

Nessa perspectiva, podemos compreender a relevância de elaborar um projeto autoformativo que abranja todas dimensões supracitadas considerando a importância e as contribuições que cada uma, em sua singularidade, oportuniza na formação de um profissional competente e qualificado, tornando assim um professor polivalente, ou seja, assumindo várias funções e tendo conhecimentos específicos das diversas áreas.

Na contemporaneidade é exigido cada vez mais do professor uma maior preparação, uma formação mais abrangente e aprofundada em relação as mais diversas áreas do conhecimento, pois “o que se esperava dele há algumas décadas não corresponde mais ao que se espera nos dias atuais” (BRASIL, 1998, p. 39), e é isso que a autoformação oportuniza, além da construção e ressignificação, uma atualização do perfil profissional que é exigido socialmente.

Considerações finais

A partir das informações aqui registradas é possível ratificar que o processo de autoformação engloba um conjunto de elementos que constituem um ser profissional qualificado, objetivando a otimização e aperfeiçoamento da formação docente. O sujeito que efetiva um projeto autoformativo vai se constituindo como um ser ativo, autônomo, crítico, reflexivo e emancipado, ressignificando as práticas educacionais e os elementos que o constituem, reconhecendo-se como agente construtor da própria formação e não como um mero transmissor e receptor de informações.

Assim, a prática de autoformação deve ser uma responsabilidade e compromisso de todos os profissionais que buscam desenvolver práticas educativas transformadoras, redimensionando as concepções acerca do processo educacional. Além disso, é oportunizada a ressignificação da prática educacional para que o docente haja com propriedade e intencionalidade, possibilitando-lhe desenvolver uma ação significativa no processo de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, é perceptível as contribuições que o projeto autoformativo oportuniza a prática educativa, fomentando o processo de formação tanto inicial, quanto continuado com elementos que possibilitam a construção de um professor reflexivo, aquele que consegue enxergar bem mais além, compreendendo os obstáculos e as possibilidades que se fazem presentes no exercício da profissão. É relevante dar ênfase ao quão determinante são as competências docentes nesse referido projeto, pois as dimensões: técnica, estética, política e ética permitem ao docente fazer a relação entre competência e qualidade no processo de ensino-aprendizagem, atribuindo, assim, um maior significado a sua prática.

Portanto, acreditamos que a prática autoformativa deve ser uma postura assumida por todos os profissionais que buscam atualizar suas práticas e torná-las relevantes para atender as exigências sociais. Almejamos que essa reflexão possa contribuir para o autodesenvolvimento tanto pessoal quanto profissional dos estudantes e professores que lerem este trabalho, oportunizando-os redimensionar as concepções acerca do processo educacional.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, v. 1, 1998.
- FONTANA, Maire Josiane.; FÁVERO, Altair Alberto. *Professor reflexivo: uma integração entre teoria e prática*. REI. Revista de Educação do IDEAU, v. 8, p. 1-14, 2013.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra. 1996.
- RIOS, Terezinha Azerêdo. *Compreender e ensinar - por uma docência da melhor qualidade*. São Paulo: Cortez, 2001.
- TEIXEIRA, Francisca dos Santos; SILVA, Maria de Jesus Assunção e; LIMA, Maria da Glória. O desenvolvimento docente na perspectiva da (auto)formação profissional - Faculdade Santo Agostinho. In: VIII Semana da Pesquisa Científica, 2010, Teresina-PI. *Anais da Semana de Pesquisa Científica* - ISSN: 18073166 - meio impresso, 2010. p. 53-58.